

Como um cão que sonha a noite só

*A gente*

que tem de aprender a arrancar deste tempo o minério-húmus com que criar esses breves artefatos de língua;

*a gente*

que leva a vida a travar-se contra (e dentro) dessa “música tão resseca que vai ao timbre de punhal, navalha”;

*a gente*

que frequenta essa matéria com a fé mesma com que se digere um deus num corpo de farinha;

*a gente*

que se doa e perde nesse fazer extremo, tãoamente sem valia;

*a gente*

que sustenta a vida com os sonhos em punho;

*a gente*

que depois de tudo regressa ao princípio — e reaprende com os ossos e as cinzas...

*a gente*

que cultiva “o metal sem húmus dessa música” como a uma rosa (pobre e vulgar, mas forte) para ofertar aos carrascos de nossos filhos:

essa gente lateja em minha  
língua (pobre e vulgar,  
vinda a séculos,  
com suas pragas  
e seu deus cruel,  
sulcando o mar) —

como um cão que sonha a noite só.

---

[No poema, citam-se versos de João Cabral de Melo Neto]

BRAÚNA, Dércio. *Metal sem húmus*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008 [p. 87-88].